

EUCARISTIA E “AMOR SOCIAL”

Dom Pedro Brito Guimarães¹

RESUMO

A Eucaristia para ser compreendida é apresentada, neste artigo, a partir de sete elementos essenciais, sendo que sem eles fica prejudicada. Assim, esses elementos são enriquecidos por dois fatos históricos que ilustram a compreensão do mistério da Eucaristia e sua vivência a partir do amor social presente no testemunho de grandes homens e mulheres da história da Igreja. Por isso, olhar esse mistério é contemplar o próprio Jesus que sentado à mesa com pecadores fez comunhão com eles, demonstrando a face misericordiosa do Pai e o amor que a Igreja deve manifestar pelos pobres e desvalidos. É por esse caminho de comunhão que a Igreja se torna comunidade Trinitária, capaz de favorecer abrigo aos menores do Reino.

PALAVRAS-CHAVE: Eucaristia. Amor Social. Jesus Cristo. Testemunho. Igreja.

¹ Doutor em Teologia Dogmática pela PUG (Pontifícia Universidade Gregoriana) de Roma. Arcebispo de Palma-TO.

ABSTRACT

The Eucharist for be understood is presented, in this paper, from seven essential elements, without which its understanding is impaired. Thus, these elements are enriched by two historical facts that illustrate the understanding of the mystery of the Eucharist and its experience based on the social love present in the witness of great men and women in the history of the Church. Looking at this mystery, therefore, is to contemplate Jesus himself who, sitting at the table with sinners, communed with them, manifesting the merciful face of the Father and the love that the Church must show for the poor and disadvantaged. It is on this path of communion that the Church becomes a Trinitarian community, capable of welcoming the smallest of the Kingdom.

KEYWORDS: Eucharist. Social Love. Jesus Christ. Testimony. Church.

1. PARA ENTENDER A EUCARISTIA

“Eles não tinham entendido nada a respeito dos pães.” (Mc 6,52)

Para entender a Eucaristia é preciso entender sete elementos essenciais, sem os quais a sua compreensão fica prejudicada, imprecisa e incompleta. Primeiro, para entender a Eucaristia é preciso entender quem é Jesus Cristo. A Eucaristia é Jesus: sua pessoa, sua vida, seu corpo e seu sangue entregues. Na Eucaristia está contida toda a vida e a missão de Jesus. É por isso que o lugar da Eucaristia é na cristologia. Podemos dizer que a Eucaristia é cristofania: é Jesus e fala de Cristo: “Eu sou o pão da vida”. Segundo, para entender a Eucaristia é preciso entender o significado da doação de Jesus. A eucaristia é auto doação de Jesus, a auto entrega total e irrestrita do seu corpo e do seu sangue por nós. A Eucaristia é a pro-existência de Jesus: “Isto é o meu corpo e meu sangue doados a vós”. Terceiro, para entender a Eucaristia é preciso entender o significado do pão e do vinho, da fome e da sede, do alimento e da vida. A Eucaristia é o corpo e o sangue de Jesus através do simbolismo do pão e do vinho, frutos da terra e do trabalho da humanidade. A ideia do pão e do vinho está ligada à imagem da morte e da ressurreição onde o pão corresponde ao sentimento da fome e o vinho ao da sede. Sem trabalho humano não há pão nem vinho, e sem pão e vinho não há Eucaristia, presença real-sacramental de Jesus no meio de nós. A Eucaristia é pão da vida eterna para matar a fome do mundo: “o pão que eu vos dou é minha própria carne para a salvação do mundo”. Quarto, para entender a Eucaristia é preciso entender o que é a Igreja. A Igreja sempre foi concebida como o corpo de Cristo. Jesus, através da Eucaristia, funda a Igreja como

comunidade da nova aliança. A Eucaristia sempre foi considerada o “sacramento da Igreja”. Não se edifica nenhuma comunidade se não tiver a sua raiz e o seu centro na Eucaristia (PO 6). Comer o pão eucarístico é fazer comunhão com a comunidade, é participar, servir e viver o compromisso da fraternidade. Daí podemos dizer que a Eucaristia faz a Igreja comunidade de amor e a Igreja faz a Eucaristia desse amor. Santo Agostinho evocava a unidade dos cristãos em torno da Eucaristia como os seguintes termos: “ó sacramento da piedade, ó sinal de unidade, ó vínculo de caridade!” Quinto, para entender a Eucaristia é preciso entender o que é liturgia. A Eucaristia é o memorial litúrgico da vida, da morte e da ressurreição de Jesus. Foi Ele mesmo que disse: “fazei isso em minha memória”. Sexto, para entender a Eucaristia é preciso entender de sacerdócio. Jesus, instituindo a Eucaristia, instituiu também o sacerdócio. E ainda hoje Ele se oferece na Eucaristia como sacerdote e mediante o ministério do sacerdote. A Eucaristia está no centro da vida, do ministério e da espiritualidade do presbítero (PDV 26). Diz o papa aos presbíteros: “vive o mistério que é colocado em tuas mãos”! (PDV 24). Por isso é que somente os sacerdotes podem presidir a celebração da Eucaristia para si e para os outros. Sétimo, para entender a Eucaristia é preciso entender de amor. A Eucaristia é o gesto mais sublime do amor de Jesus por nós: “tende amado os seus que estavam no mundo, amou-nos até o fim...” A seguir, unificaremos tudo isso aprofundando a Eucaristia na perspectiva do amor social.

2. DOIS FATOS “HISTÓRICOS” ILUSTRATIVOS DA EUCARISTIA

“O pão é a vida do pobre e quem o defrauda é um homicida” (Eclo 34,21)

1. Contam que na última guerra, duas cidades lutaram entre si, a ponto de muitas pessoas perderem suas vidas. Por causa disso, as duas cidades ficaram eternas inimigas. A praça onde se deu a sangrenta batalha, foi abandonada. Ali, sem que ninguém soubesse explicar, começou a nascer trigo, a ponto de ficar toda dourada quando o trigo amadureceu. Um dia alguém teve uma ideia por demais genial: visto que ninguém queria este trigo para sua alimentação, colheram-no e ofereceram a farinha à cidade inimiga como sinal de reconciliação. Chegando lá, contaram a história, e os seus moradores aceitaram de bom grado a doação, sinal de reconciliação. Só que surgiu outro problema. Ninguém queria comer pão feito com farinha de trigo nascido no terreno que outrora fora banhado pelo sangue de seus entes queridos e, pior ainda, de seus inimigos. Foi quando alguém tece outra ideia: por que não doar esta farinha à paróquia daquela cidade? E assim se deu. O trigo foi doado e fizeram hóstias da farinha. De forma que, quando alguém comungava, se recordava do sangue dos irmãos que foi derramado naquela praça de onde a farinha das hóstias tinha vindo.

2. Contam ainda que a conversão de Bartolomeu de las Casas (em 1514), a primeira vocação da América Latina, se deu profeticamente pela Eucaristia. Por causa da sua participação na conquista da Ilha de Cuba, las Casas recebeu como pagamento uma região (repartimiento) e um grupo de índios que trabalhou para ele por mais de doze anos. Um dia, preparando uma missa, se deparou com o texto de Eclesiástico, 34, 18-22 que provocou a sua conversão.

Bartolomeu não pôde celebrar a missa. Libertou os índios e começou a sua ação profética contra a colonização espanhola.

3. A EUCARISTIA NA PERSPECTIVA DO “AMOR SOCIAL”

“Sem amor eu nada seria...”

O título deste trabalho, inspirado nas duas histórias acima, foi tirado da Encíclica de Paulo VI, *Mysterium Fidei* (1968). Em homenagem aos 22 anos do seu falecimento e, em sintonia com o PRNM – o ano da Santíssima Trindade e da Eucaristia -, enfocaremos o sacramento da Eucaristia na perspectiva do amor social. Pareceu bem tomar esta sua intuição para ajudar os cristãos a realizar um dos seus maiores desejos: fazer com que o culto eucarístico mova fortemente o ânimo das pessoas, a fim de que elas possam cultivar o amor social. Na festa de Corpus Christi de 1970, Paulo VI, citando Agostinho, chama a Eucaristia de “escola de sociologia cristã”. Quer dizer que o amor que nasce da Eucaristia é tão irradiante e envolvente que se reproduz nos corações e nos afetos das pessoas e cria um estilo de vida prático-social de autodoação e de pré-existência, como foi a vida de Jesus Cristo. Charles de Foucauld contemplando no deserto a grandeza do universo, disse: “a Eucaristia é maior. Ela é sinal sacramental do amor de Deus que está presente na natureza. Ela contém a terra e a água, o sol e o vento, o trabalho do homem, a vida e a morte, o amor de Deus Criador e o Filho que entregou a vida por nós”.

A Eucaristia é o sinal e a causa da unidade do corpo de Cristo, que é a Igreja, e cria naqueles que a celebram com fervor, um ativo espírito eclesial, fraternal e social. Existem dois cultos que os cristãos são chamados a realizar através da Eucaristia. O primeiro é o culto eucarístico, realizado quotidianamente na Igreja, por meio da

condivisão e da comunhão sacramental do corpo e do sangue de Jesus. O segundo é o culto existencial, vivido cada dia na sociedade, por meio da divisão e comunhão éticas dos bens materiais com os necessitados. Como Jesus divide o pão e o vinho, oferecendo-se ao Pai e a nós, também devemos dividir o que temos com quem necessita para realizar a sua doação. A Eucaristia traz escondida em si mesma a vocação do mundo e já assinala o seu destino.

4. O VALOR RELIGIOSO-SOCIAL DAS REFEIÇÕES DE JESUS COM OS PECADORES

“Este homem é um comilão e beberrão, amigo de publicanos e de pecadores”.
(Mt 11,19)

Os atos rituais de Jesus, comensal e amigo dos marginalizados, são nos evangelhos uma constante e, por vezes, ainda pouco considerados pela Igreja. É que facilmente somos fascinados pelas palavras e damos pouca importância às ações de Jesus, como se fosse um homem apenas de belas palavras e de poucas ações. Jesus, ao contrário, foi um homem de grandes ações simbólicas e proféticas. A realidade é que é muito comum ver Jesus sentado à mesa com os pecadores (Mc 2,16; Mt 11,19; Lc 19,7). Por causa desse seu comportamento, perguntavam sempre: “ele come com os pecadores”? Em resposta a este tipo de pergunta, podemos dizer que Jesus, comendo com os pecadores, encarna visivelmente a atitude mesma de Deus que quer fazer de nós um só povo que coma no mesmo prato (Jo 4,9). Jesus esteve presente nos banquetes com pessoas consideradas distantes de Deus porque pecadoras. Nestes banquetes, fazia com eles um pacto de reconciliação, por meio do perdão dos seus pecados (Lc

7,48), dava a eles um nutrimento de pão para o corpo e de esperança para seu espírito (Lc 19,10), e fazia com eles uma aliança, um pacto de união fraterna (Lc 7,39). Em todo caso, a comensalidade de Jesus com os pecadores, se constituía no lugar privilegiado para realização de ações proféticas. Ao comer com os pecadores Jesus encarnava o amor de Deus para com os pecadores e, com isso, rompia definitivamente com os padrões culturais e religiosos do seu tempo que tinham um alto grau de discriminação. Senão vejamos:

1. Comendo com os pecadores, discriminados e excluídos, Jesus mostrava a misericórdia do Pai para com eles, oferecendo-lhes o perdão de seus pecados, e convidando-os ao banquete do reino e, ao mesmo tempo, interpelando-os para que se convertessem e mudassem de vida (Lc 7,26-27).

2. Comendo com os pecadores Jesus denunciava a situação de injustiça que se instalou ao redor da mesa. De fato, por trás da psicose da higiene e da pureza dos alimentos e dos objetos, se escondia um agravante ainda maior: não era só questão de higiene, mas de discriminação e de desprezo das pessoas, sobretudo das mais pobres.

3. Comendo com os pecadores Jesus mesmo se transformava em sinal de convivência fraterna e de aliança. Porque se o homem é pecador, Deus é misericordioso; se o homem discrimina, Deus acolhe e reconcilia; se o homem condena, Deus perdoa; se o homem não aceita o considerado “impuro”, Deus faz refeição com ele e o convida ao banquete escatológico. E com isso, instaura um novo capítulo da história da salvação: uma história de amor e de caridade para com os pecadores que se concretiza, no contexto de uma refeição, em atos de reconciliação, de nutrimento e de união.

5. OS ATOS RITUAIS NA COMENSALIDADE DE JESUS COM OS DOZE DISCÍPULOS NO CENÁCULO

“Ele mostrará a vocês no andar de cima, uma grande sala, arrumada com almofadas” (Mc 14,15)

Normalmente as pessoas veem a última ceia como algo muito diferente das refeições que Jesus comeu com os pecadores durante sua vida terrena. Mas, se olharmos mais atentamente, veremos que existem muitos elementos de continuidade e de identidade entre os dois tipos de refeição:

– O primeiro é que a última ceia de Jesus com os discípulos no Cenáculo era também uma refeição com os pecadores e marginalizados, na qual Jesus se mostra amigo deles e solidário com eles, e oferece a eles um sinal de reconciliação, de nutrimento e de união. A fraqueza moral de alguns dos doze – a traição de Judas e de Pedro-, que se torna evidente na ceia e na cruz, dá primeiramente a esta ceia um caráter de tristeza e de sofrimento – “um de vocês me trairá” (Lc 22, 21-22.31.34) e, ao mesmo tempo, um caráter de esperança e de autodoação: -“Jesus sabendo que tinha chegado a hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até fim” (Jo 13,1). - “Quando chegou a hora, Jesus pôr-se a mesa com os seus apóstolos e disse: eu desejei ardentemente, antes de sofrer, comer com vocês esta ceia pascal.” (Lc 22, 14-15). Jesus, no Cenáculo, já era rejeitado por alguns dos seus amados comensais, com os quais havia desejado se reconciliar, alimentar e criar laços de união. Por isso, pode-se dizer que começa o sofrimento mortal de Jesus: “depois de terem cantado salmos, foram para o monte das oliveiras” (Mt 26,30). De fato, sua paixão não começa com

sofrimentos físicos na cruz, mas começa já com os sofrimentos psicológicos na ceia. Doando seu corpo e derramando seu sangue, da última ceia Jesus sai para o Calvário literalmente morto. Ali começa a sua paixão, paixão essa que é, ao mesmo tempo compaixão pelos pecadores.

– O segundo é que Jesus na última ceia cumpre um ato profético, por meio do qual o futuro já se realiza no presente, fazendo entrar na história uma nova realidade: a inauguração do banquete escatológico, no qual os pecadores participarão como convidados e reconciliados com Deus. A novidade, e, por conseguinte, a grande diferença entre refeição de Jesus com os pecadores e a última ceia, é a seguinte: para realizar na história o banquete messiânico é preciso doar-se aos outros até a morte. E na última ceia Jesus se entregou totalmente aos seus discípulos: quem dá o seu corpo e o seu sangue como Ele deu, está literalmente morto. E nesta doação se realizam duas profecias: a primeira, é o anúncio profético do desejo de sua própria morte: - “quando chegou a hora [...] disse-lhes desejei ardentemente comer esta Páscoa com vocês antes de sofrer” (Lc 22,14-15). Trata-se, pois da realização da sua última refeição aqui na terra. E a segunda, é o anúncio profético da grande esperança: “já não bebereis do fruto da videira até aquele dia em que beberei o vinho novo do reino de Deus” (Mc 14,25). O ato profético da última ceia, além de realizar a profecia da morte, realiza, por assim dizer, a profecia da grande esperança da humanidade: a sua participação no banquete do reino. O convite para participar deste banquete já está feito e distribuído. A grande esperança se realizará na sua autodoação total ao Pai em favor da humanidade. Assim, Ele aponta o significado da paixão (Lc 22,16-18) como sendo uma grande festa onde haverá pão para todos (Lc 22, 28-30).

Com esse ato, Jesus se oferece ao Pai em favor dos homens que vivem afastados dele, privados do alimento material e espiritual, e separados uns dos outros. Na última ceia Ele faz ações e proferem palavras para explicá-las aos seus convivas: 1) As ações: “toma, abençoa, parte e dá o pão e o vinho, e se identifica com os mesmos tomados, abençoados, repartidos e doados. 2) E as explicações das ações: isto é o meu corpo e meu sangue”. Aliás, Jesus já nasceu pão (Belém significa casa do pão) para o nosso alimento. As suas ações pedem explicações. Nesta relação de unidade entre ação e explicação, Jesus se identifica também com o vinho tomado, abençoado, partilhado e doado. E explica: “isto é meu corpo e meu sangue”.

6. OS ATOS CULTUAIS DA IGREJA E SEU EMPENHO SOCIAL

“Fazei isso em memória de mim” (Lc 22,19)

A reflexão feita até agora serviu para iluminar como a Igreja, ao celebrar a Eucaristia, deve sempre se lembrar de que está fazendo a memória da vida toda de Jesus, dos seus sentimentos mais profundos, do seu sofrimento, da sua mais profunda doação à humanidade. A Eucaristia é um ato profético de Jesus à sua Igreja que faz iniciar na história uma realidade nova: fazendo memória dos atos proféticos de Jesus, ela também está comendo com os pecadores em vista da sua conversão. Na Eucaristia a Igreja come como os pecadores para sua conversão. E assim agindo, enxerta na história o futuro proveniente da celebração dessa festa eterna, mediante o pão transformado no corpo de Jesus e o vinho transmutado em sangue derramado, símbolos reais da sua autodoação.

É a Igreja faz isso a partir de duas dimensões: a dimensão vertical – convidando todos a adorar ao Pai que nos deu o seu Filho como comida e bebida; e a dimensão horizontal – convidando a todos a viverem de acordo com o dom celebrado. Quem celebra a doação de Jesus tem que viver esta doação na sociedade. Não basta a Igreja realizar o que Jesus realizou, repetir o que Ele fez. É preciso que a comunidade que celebra a Eucaristia, se comporte na sociedade com os mesmos sentimentos de Jesus, isto é, de maneira justa e fraterna, por meio de um amor social. Se os cristãos não se empenham como Jesus pela reconciliação, pelo seu nutrimento material e espiritual e pela união dos saciados, a Eucaristia perde muito do seu caráter de sinal profético, não só social, mas também religioso. Eucaristia sem amor social facilmente se transforma em culto vazio, como vazia é uma vida sem amor a Deus e ao próximo.

A Eucaristia é Jesus Cristo na sua integridade: sua vida doada, sua morte suportada por amor, sua vida ressurgida. A Eucaristia é Cristo ressuscitado, Senhor da vida nova, da vitória, do mundo novo, onde quem tem fome e sede é saciado. A Eucaristia é modelo e sinal deste mundo novo, enfim, libertado de toda maldade e fraqueza. Por isso, ela é modelo do amor social de todos pela natureza que gemem as dores do parto, querendo ser libertada. Afinal, o pão e o vinho são frutos da terra e do nosso trabalho. A Eucaristia é ademais modelo de amor pela humanidade que clama também por libertação: o corpo e o sangue de Jesus foram doados por nós e para remissão dos nossos pecados. Jesus doando seu corpo e seu sangue, amou-nos até o fim. Afinal, Ele veio para que todos tenham vida e a tenham em plenitude. Quem celebra a Eucaristia deve mostrar a profundidade da autodoação de Jesus e da sua, motivando a todos a agirem em conformidade com esta sua doação celebrada e recebida. O pão que não se reparte não

mata a vida, deixa de ser pão e a vida se torna mais vida quando é vivida na convivência.

Jesus na Eucaristia é modelo de amor desinteressado, social, fraterno, criativo, vivificador e oblativo. A vocação eucarística da Igreja deve levá-la também a este amor exigente. Um modelo de comunidade eucarística com base no amor social, foi apresentado por Paulo à comunidade de Corinto (1Cor 11,17-34):

a) **“Quando vocês se reúnem em assembleia há muita divisão entre vocês: uns comem e outros ficam com fome” (1Cor 11, 17.21.22).** A Eucaristia em Corinto desune, ao invés de unir. Se fosse para desunir o evangelho seria uma mensagem contraditória, anti-humana e anti-cristã. O rito eucarístico ensina a gente a viver o amor fraterno e não o individualismo social.

b) **“Por isso não é mais a ceia do Senhor que vocês comem, mas a própria condenação” (1Cor 11,29).** Uma refeição feita para unir, quando desune perde o seu valor de sinal de salvação e se transforma em sinal de condenação.

7. A EUCARISTIA TRANSFORMA A IGREJA EM UMA COMUNIDADE TRINITÁRIA E DE AMOR SOCIAL

“Que a Eucaristia transforme a Igreja para que ela seja no mundo um sinal, pois, é por sua voz que Cristo está realmente no meio de nós”.

Nos sub-temas anteriores refletimos sobre a Eucaristia e o amor social. Agora concluímos o nosso trabalho refletindo sobre um novo e último ângulo de visão, na esperança de que todo esse esforço intelectual sirva para que as pessoas, individual ou comunitariamente,

vivam intensamente na liturgia e na vida este amor social que a Eucaristia encerra:

Contam que em uma determinada região, depois de uma guerra, muitas pessoas ficaram mutiladas. O rei resolveu fazer uma visita a essas pessoas, levando a elas uma palavra de encorajamento já que, além de estarem doentes fisicamente, estavam doentes espiritualmente. E descobriram que por onde o rei passava as pessoas ficavam boas mais rapidamente. E perguntavam: será que o rei tem o dedo milagroso? Mais tarde compreenderam que o que estavam curando as pessoas não era o dedo do rei e sim a higiene que eles faziam nas suas feridas para receber o rei...

Por ocasião do Congresso de Vitória compus esta canção que, a meu ver, retrata bem o significado da Eucaristia, enquanto amor social:

1. A Igreja, no Espírito Santo, e por sua inspiração, convida o povo ao banquete, à festa da libertação. Esta é a vitória do povo, esta é a vitória da fé: **o pão que nós repartimos é Jesus de Nazaré.**

Que a Eucaristia transforme a Igreja pra que ela seja no mundo um sinal, que é por sua voz que Cristo está realmente no meio de nós!

2. **A natureza empresta todo o seu esplendor, compõe com sua beleza um hino ao Criador.** E o povo inteiro em festa se manifesta assim: Cristo é hoje e sempre, nosso princípio e fim.

3. A Igreja é corpo de Cristo, a Igreja é convocação: uma família unida, compartilhando o pão. E **o pão da vida anuncia a doação de Jesus, denunciando o pecado e tudo o que ele produz.**

4. No meio de tanta gente faminta, sem voz e sem nome, vamos imitar a Jesus, Filho de Deus, feito homem. Seu sangue é fonte

de vida, seu corpo é nossa união. **Rememorando seus gestos, vamos ajudar nosso irmão.**

A Eucaristia faz da Igreja uma comunidade, sinal do amor convivial e fraterno reproduzindo no mundo as ações proféticas de Jesus: “dei um exemplo para que vocês façam assim como eu fiz.” (Jo 13,15). Para concluir, hoje não se constitui uma grande novidade afirmar que “a Eucaristia faz a Igreja” ou que “a Igreja faz a Eucaristia”. De fato, na celebração da Eucaristia, a Igreja empresta sua boca, suas mãos, sua mente e seu coração para realizar o memorial pascal de Jesus. Os próprios verbos empregados por Jesus na última ceia mostram esta realidade: “um só corpo doado e um único sangue derramado, e nós, embora muitos, comendo e bebendo do mesmo pão e do mesmo vinho, formamos um só corpo” (1Cor 10, 16-17). A Eucaristia é o sacramento da comunidade unida. Mas que tipo de comunidade se forma ao redor da mesa eucarística? Uma comunidade eucaristicamente trinitária e de amor social:

1. A comunidade que se forma ao redor da Eucaristia é uma comunidade epiclética. Epiclesis quer dizer invocação, súplica ao Pai que envie o Espírito Santo para atualizar a obra de Jesus. A Eucaristia é a epiclesis do Espírito. Ela faz da Igreja uma comunidade suplicante e invocativa, até que se instaure o reino. O mesmo Espírito que é invocado para transformar os frutos da terra e o trabalho da humanidade no corpo e no sangue de Jesus, é invocado para transformar as pessoas, de um simples agrupamento humano, em uma comunidade cristã, corpo de Cristo. Através dessa invocação transformadora podemos compreender melhor o significado da Eucaristia, - sacramento de unidade e de fraternidade, de doação e de serviço; e compreender o significado da comunidade, corpo de Cristo, sinal de Eucaristia, - uma comunidade, corpo de Cristo, sinal de justiça

e de fé, de amor e de esperança, de memória e de espera da realização do reino que ela tanto pede no pai nosso que ele se instaure. Por isso podemos dizer que a Eucaristia faz da Igreja uma comunidade epiclética.

2. A comunidade que se forma ao redor da Eucaristia é uma comunidade anamnética. *Anamnesis* significa recordação, memória. Neste sentido, a Eucaristia é memorial de Jesus, de sua vitória sobre o pecado. Celebrando a Eucaristia a Igreja recorda, faz memória e atualiza a mensagem do seu fundador, até que Ele volte outra vez. Sendo a Eucaristia o sacramento por excelência da presença real e sacramental de Jesus, a memória que a Igreja faz é a memória de um corpo doado e de um sangue derramado continuamente por nós, para a união dos irmãos. Neste sentido a Eucaristia faz da Igreja uma comunidade anamnética.

3. A comunidade que se forma por meio da Eucaristia é uma comunidade doxológica. *Doxologia* significa louvor, ação de graças ao Pai. A Eucaristia é essencialmente ação de graça e também faz da Igreja uma comunidade doxológica, centrada no louvor e na ação de graça, princípio e fim de todo culto cristão. Tudo na vida é dom e todo dom requer uma atitude de louvação e de agradecimento. Diante da santidade de Deus somente o louvor é a resposta razoável. A Eucaristia faz da Igreja uma comunidade doxológica, orante, celebrativa e festiva, pois, na verdade tudo é glória onde tudo é graça e tudo é graça onde tudo é glória. O louvor que nasce da Eucaristia não é louvor vazio, alienante e evasivo. É um louvor criativo, caritativo e empenhativo. Eucaristia sem amor social é como um corpo sem alma, uma estrela sem brilho, um dia sem sol e um sol sem luz. A doxologia mostra como a vida deveria ser sempre um canto de louvor a Deus pelas suas maravilhas. A Igreja, formada pela Eucaristia, segue

trinitariamente pelo mundo afora proclamando: “glória ao Pai, pela *doxologia*, glória ao Filho, pela *anamnesis*, e glória ao Espírito, pela *epiclesis*.”

4. E, por fim, as três dimensões conjuntamente fazem da Igreja uma comunidade trinitária e de amor social.

REFERÊNCIAS

AA.VV. **Eucaristia, teologia e história da celebração.** São Paulo: Paulinas, 1987. (Coleção Anamnesis)

AMBROSANIO, A. Eucaristia. In: _____. **Nuovo Dizionario di Teologia.** Roma: Paoline, 1977. pp. 447-470.

BRITO GUIMARÃES, P. **Os sacramentos como atos eclesiais e proféticos: um contributo ao conceito dogmático de sacramento, à luz da exegese contemporânea.** 1998. 448p. Tesi (Doutorado em Teologia Dogmática) – Pontificia Università Gregoriana, Roma, 1998.

DUSSEL, E. O pão eucarístico: signo comunitário de justiça. **Concilium**, 172, 1982/2, p. 196-208. 8.

JOHANNY, R. **A Eucaristia, caminho de ressurreição.** São Paulo: Paulinas, 1977.

ROSATO, PH. J. **Cena del Signore e amore sociale.** Roma: Centro Eucaristico, 1994.



ROUET, A. **A missa na história.** São Paulo: Paulinas, 1981.

ROUILLARD, Ph. De repas des hommes a l'Eucharistie chretienne.

Notitie, 131-132, jun. -jul. 1977, 282-298 (nov.), 487-506.